

JOVENS EM CONFLITO COM A LEI E GRUPOS RELIGIOSOS: UM ENCONTRO PROPICIADOR DE PAZ?

*Ercília Maria Braga de Olinda
Francisca Jesuana Alves Prado*

O presente artigo traz reflexões sobre o significado da atuação de grupos religiosos na vida de adolescentes que estão privadas de liberdade. Objetivamos avaliar em que medida a ação evangelizadora desses grupos colabora para a busca do sentido da vida. Partimos da compreensão de que encontrar o sentido da vida é trilhar um caminho para a paz interior, o que colabora para a paz social. O vazio existencial de uma vida sem sentido é fator de desespero e de desequilíbrio e a religião, como esforço de união com Deus, com o outro e consigo mesmo pode ser uma experiência construtiva e propiciadora de projetos de vida.

Os dados para a elaboração do presente artigo foram produzidos em um estudo de caso de observação (BOGDAN & BIKLEN, 1994) realizado no Centro Educacional Aldaci Barbosa Mota¹ (CEABM) a partir da interação com 11 adolescentes² que responderam questionários e foram entrevistadas ao longo de oito visitas. A fundamentação teórica veio do campo da Educação em Direitos Humanos (EDH) e fez interface com os estudos sobre religiosidade juvenil. A complexidade do objeto exigiu um profundo mergulho no universo de crenças in-

¹ O Centro Educacional Aldaci Barbosa Mota é localizado na Travessa Costa Rica s/n, oficialmente no bairro Padre Andrade. É uma instituição pública estatal, laica. Está vinculada diretamente ao governo do estado do Ceará, através da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social-STDS, junto à célula de Medidas Socioeducativas. Atende adolescentes do sexo feminino, sentenciadas nas medidas de Internação e de Semi-Liberdade.

² A faixa etária das adolescentes era de 15 a 18 anos, seis eram reincidentes no CEABM e cinco estão na primeira experiência em um centro educacional. Uma era católica, três evangélicas, sete sem religião (todas declararam acreditar em Deus).

dividuais e de representações coletivas sobre o adolescente em conflito com a lei. A discussão sobre o sentido da vida foi feita com base nas contribuições de Viktor Emil Frankl, propositores de uma psicologia existencial. É deste inspirado psiquiatra alemão a máxima que estimula a convicção de que o passado ainda pode ser corrigido: “viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora” (2008, p.134).

No Encontro com Daniela a Delimitação do Objeto de Estudo

As duas autoras do presente artigo, na condição de orientadora e de orientanda, respectivamente, estiveram empenhadas entre os meses de janeiro e julho de 2013 em uma pesquisa que resultaria no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *Sentido da vida e religiosidade: o significado da atuação dos grupos religiosos junto a adolescentes privadas de liberdade no Centro Educacional Aldaci Barbosa Mota*.³

Na fase exploratória da pesquisa qualitativa, realizamos uma visita ao lócus escolhido para observar o grupo “Jovens com uma Missão” (JOCUM)⁴ em atividade evangelizadora com as adolescentes internas. Naquele momento, o objeto de estudo não estava delimitado. Havia apenas uma intenção geral de discutir o significado da atuação dos grupos religiosos para as adolescentes que cumpriam medida socioeducativa⁵.

³ O referido TCC foi aprovado com nota 10 no curso de Pedagogia da UFC no dia 29 de julho de 2013.

⁴ Além do grupo anteriormente citado, o Centro Educacional Aldaci Barbosa Mota (CEABM) abre suas portas para os seguintes grupos: Grupo Espírita Joana de Angelis (CEJA/Conjunto Ceará), Renovação Carismática Católica – *Shalom* (RCC/Parquelândia) e Assembleia de Deus (AD/Templo Central).

⁵ O artigo 103 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera ato infracional “a conduta descrita como crime ou contravenção penal”. Quando isto ocorre o adolescente é responsabilizado podendo ser submetido às seguintes medidas

Percebemos que os jovens missionários, dentre eles alguns estrangeiros, despertavam o interesse da maioria das adolescentes que interagiam demonstrando grande entusiasmo diante dos depoimentos que ouviam, tratando do despertar de cada um para os ensinamentos de Jesus. No entanto, duas adolescentes mantinham-se afastadas. Uma delas chorava, demonstrando grande desassossego, enquanto a outra tentava consolá-la. A primeira autora aproximou-se das duas e ofereceu-se para um diálogo fraterno, caso fosse o interesse de ambas. A garota que chorava tinha 17 anos e repetia sua dor pelo tormento que estava causando a sua mãe, que além de sofrer pelos desatinos da filha, ainda se encontrava doente e desassistida na cidade do interior onde moravam. A adolescente fora sentenciada a três anos de internação, medida socioeducativa máxima prevista no ECA, o que indicava um ato infracional grave. Após escutá-la, a segunda autora falou sobre a necessidade do autoperdão, perguntando sobre seus sonhos e projetos. A adolescente só conseguia dizer que não tinha paz e que estava perdendo a esperança de sair do fundo do poço em que mergulhara. Em um momento, ela respirou fundo e num tom grave afirmou: “se eu não descobrir um sentido para minha vida não aguentarei!”. Aquela frase soou como uma pista para o objeto de estudo tão perseguido. Após relatar o ocorrido à orientanda, o objeto de estudo foi definido: o significado da atuação dos grupos religiosos para as adolescentes, identificando em que medida eles colaboravam para a construção do sentido da vida.

As observações realizadas na fase exploratória da pesquisa mostraram que os momentos religiosos vivenciados nas

socioeducativas, de acordo com a gravidade da infração e decisão judicial: advertência; obrigação de reparo ao dano; prestação de serviço à comunidade; liberdade assistida; inserção em regime de semiliberdade e internação em estabelecimento educacional (art.12).

visitas feitas pelos grupos religiosos deveriam ser problematizadas. Muitas questões surgiram: o que se passava no íntimo de cada adolescente quando ouviam pregações evangélicas ou quando eram chamadas a alguma reflexão ligada ao aspecto moral ou a valores? Quais as sensações sentidas? Aqueles eram os únicos momentos em que era permitido chorar de arrependimento sem precisar dizer o motivo. E nenhuma delas recriminava a outra porque estava chorando ou porque aquele momento a tocou. Não! Era permitido ser mulher, sentimental ou sofrer, refletir sobre a vida e as escolhas feitas.

O desabafo de Daniela ilustra a falta de sentido de vida e a ausência de um projeto de vida. Sua permanência no mundo é motivada pela figura materna, porém também revela sua angústia por sua condição de privação de liberdade e o desejo de estar novamente livre.

Aquino (2010, p.49) relata a importância do projeto de vida para que o sentido da vida possa ser buscado, tornando-se viável, além de sentido e pensado:

Um projeto requer um discernimento aprofundado de seu objeto, que tenha por escopo responder a uma pergunta, ou preencher uma lacuna no mundo. Por outro lado, projeto, como parte do dever-ser, tem como objetivo a busca do sentido da vida e se dirige para a consecução dos valores na área da liberdade humana.

Vejamos um pouco mais sobre o sentido da vida, antes de apresentarmos os resultados da nossa pesquisa.

Descobrimos Sentidos para a Vida no Encontro com o Outro

O sentido da vida é o que move, o que traz esperança aos dias. Viktor Frankl (2008, p.124-125) destaca a importância dessa procura:

A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma ‘racionalização secundária’ de impulsos instintivos. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido.

Somos seres que necessitamos de ideias e de valores que deem à vida. Precisamos sentir que o tempo não está passando inutilmente, que temos motivações autênticas e genuínas para viver, tornando-nos seres capazes de construir objetivos e estipular metas a serem alcançadas. Frankl (2008, p.133) esclarece que:

[...] o sentido da vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para outro, de uma hora para outra. O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento.

Da citação anterior decorre a convicção de que não se deve pensar e buscar um sentido abstrato de vida, pois cada pessoa na sua singularidade, tem suas próprias aptidões e missões. Para Frankl (2008, p.33) “[...] a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo.” Há uma mutabilidade variante de pessoa para pessoa, de ocasião a ocasião, o que vale ressaltar é que são as pessoas que constroem e desconstroem os sentidos, que os modificam de acordo com as suas liberdades de ser e estar no mundo.

Frankl (2008, p.135) declara que

o ser humano é uma criatura responsável e que precisa realizar o sentido potencial de sua vida. Apesar de estar sempre se modificando o verdadeiro sentido da vida jamais deixa de existir devendo “ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado (Id., Ibid).

Esse sentido pode ser descoberto por três diferentes formas: [...] 1. Criando um trabalho ou praticando um ato; 2. Experimentando algo ou encontrando alguém; 3. Pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável.

Frankl (2008) chama essa característica de descoberta de sentido no mundo de “autotranscendência da existência humana”, correspondendo ao fato do ser humano sempre apontar e se dirigir a algo ou alguém diferente de si mesmo, seja na realização de um sentido, seja no encontro de outro ser humano.

O sentido da vida pode também estar associado a crenças, religiões, como afirma Rubem Alves (1994, p.123), quando aposta no sentido da vida ligado à fé e à imagem de um Deus misericordioso que acolhe e que é presença:

Afirmar que a vida tem sentido é propor a fantástica hipótese de que o universo vibra com os nossos sentimentos, sofre a dor dos torturados, chora a lágrima dos abandonados, sorri com as crianças que brincam... Tudo está ligado. Convicção de que, por detrás das coisas visíveis, há um rosto invisível que sorri, presença amiga, braços que abraçam, como na famosa tela de Salvador Dali. E é esta crença que explica os sacrifícios que se oferecem nos altares e as preces que se balbuciam na solidão.

A fé é um dos grandes mistérios do mundo, a religião é a manifestação dessa fé, por isso talvez a religião não acabe mesmo com o passar das gerações e dos séculos na terra, porque a humanidade mesmo sem saber exatamente por que e para quê continua a necessitar de Deus ou de deuses, identificados com suas necessidades vitais. Deus ou deuses que possam ser misericordiosos com suas dores, ou presença em meio à solidão de um mundo individualista, e que acima de tudo possam inspirar sempre o melhor que há dentro de cada um e cada uma, sendo também sentido de viver.



O Significado da Atuação dos Grupos Religiosos

Na avaliação das adolescentes sobre como elas se sentiam nos momentos de atividades propostas pelos grupos religiosos, obtivemos 100% de respostas positivas: bem (02); muito bem (01); bem melhor (01); aliviada (03); mais livre (01); muito feliz (01) e emocionada (02). O sentimento que se destaca é o de amparo, ilustrado na seguinte fala: “fico muito feliz porque sinto que Deus está me ouvindo”. Quando questionadas sobre a participação nos encontros com os grupos religiosos e sua importância, nove responderam que era muito importante e duas que era importante.

Para Rubem Alves (1994, p.121) a religião fala do sentido da vida aliado a bem-estar e sentimento de felicidade. A razão para que as pessoas continuem a ser fascinadas por ela a despeito de tantas críticas é sua insistência de que “[...]vale a pena viver. Que é possível ser feliz e sorrir”.

Questionadas sobre os aprendizados que os grupos religiosos proporcionam a cada uma delas, surgiram três grupos de opinião. O primeiro demonstra um sentido de aproximação com Deus através de sua significação e da prática da oração. As expressões que indicam esta noção começavam com a expressão “aprendi que”, seguida de: “Deus é fiel”; “Deus ama a gente”; “Deus é muito importante nas nossas vidas”; “não tem coisa melhor que servir a Deus”; “só Ele é a salvação”; “Deus tá comigo, ele me ama”; é importante ter fé e amar a Deus”; “posso conversar com Deus”; “devo orar mais”; “preciso falar mais sobre Deus”. As respostas refletem a linguagem dos grupos religiosos, sobressaindo as afirmativas próprias de religiões evangélicas. Um segundo grupo de aprendizados aponta para um horizonte de transformação do comportamento, sobretudo nas ações que levaram à internação assim como a redenção de seus erros por meio do amor de Deus: “saber que



essa vida não é pra nós”; “só basta a gente querer pra gente mudar”; “parar de fazer as coisas erradas”; “que não é certo fazer as coisas que eu faço”; “tudo tem seu tempo”; “tudo o que eu fiz de errado Deus me perdoa”; “mudar de vida” e que “Deus jamais nos abandona não importa a situação”.

As adolescentes demonstram uma relação com Deus tendente ao autoperdão e à vontade de um caminhar no sentido da autotransformação. Elas não gostam do julgamento exterior. Uma delas tatuou no pé a seguinte frase: “só Deus pode me julgar”. Ela explicou o significado daquela frase nos seguintes termos:

as pessoas gostam muito de julgar. Eu sei que eu não tô na vida certa. O mundo do crime, não é vida pra ninguém, mas tem pessoas piores do que eu, tipo, eu já roubei, mas eu nunca matei [...] ninguém tem o direito de julgar.

As respostas das adolescentes podem refletir esperança e desejo de mudança, mas até que ponto estas disposições são duradouras? A ação pontual de grupos religiosos distintos pode realmente movê-las na direção de fazer agir a mudança? Até que ponto, os ensinamentos dos grupos religiosos ecoam nos dias que seguem, na semana, na vida, na conduta das adolescentes? Teriam estas ações apenas efeitos paliativos e emocionais imediatos?

O último grupo de aprendizados faz referência a repensar o relacionamento consigo mesmo e com os outros: “procurar entender o outro”; “ter compaixão das pessoas, pois antes eu não tinha pena de ninguém”; “amadurecer o coração”; “agradar ao próximo, ao pai e à mãe”; “ser uma pessoa melhor”; “aprendi a perdoar”; “respeitar”; “conversar e dar conselho”; “não criticar as outras pessoas e a palavra de Deus”; “nunca desistir dos sonhos”; pensar não só em mim, mas também no próximo”; “respeitar cada um como eles é”.

A dimensão do outro faz parte da religiosidade, das relações sociais, do contato com o meio. Nas respostas das adolescentes podemos encontrar vários elementos importantes que mostram um leque de comportamentos, sentimentos e maneiras de como se relacionar melhor com familiares e com outras pessoas em geral.

A última pergunta se referiu aos ensinamentos propostos pelos grupos religiosos e sua contribuição para encontrar ou não um sentido da vida. As respostas foram em sua maioria sim, presente em dez dos questionários. Uma adolescente, no entanto, respondeu que sim e que não: “Sim e não. Sim porque eu penso muito um dia mudar a minha vida, e não, porque eu tenho muita coisa pra resolver na minha vida loka”. O depoimento desta adolescente revela uma dúvida existencial, conflito entre mudar de vida, mas ao mesmo tempo, a constatação de que existem pendências a serem resolvidas quando a liberdade chegar. Ou seja, ela tem consciência que o mundo lá fora continuará o mesmo, com excesso de dificuldades e escassez de oportunidades. As demais adolescentes justificaram suas afirmativas, defendendo que os grupos religiosos contribuem para que o sentido da vida seja encontrado. Dentre os depoimentos, o quesito mudança de vida está presente: “sim, contribui porque eles mostram que eu posso sair daqui de cabeça erguida com um novo pensamento”; “sim, contribui pra mudar a história, a vida. Porque é bom escutar a palavra de Deus, alivia mais o coração. A gente chora” e “sim, pra mudar de vida. Parar de fazer coisas erradas”.

O possível anseio por uma nova chance na sociedade surge a partir das intervenções dos grupos religiosos, assim como a tomada de consciência referente às atitudes que resultaram nos atos infracionais, contribuindo para uma nova significação de sentido a vida, segundo elas, através dos de-

poimentos: “Ajuda e muito, porque eles mostram a verdade que lá fora a gente não consegue enxergar”; “Porque a gente vai vendo que no mundo que a gente leva nós não ganhamos nada com isso. Que apesar de tudo Deus está sempre do nosso lado, só ele e mais ninguém”; “porque quando eu cheguei aqui achava que tudo tava perdido pra mim. Agora sei que a janela ainda tá aberta pra mim”; “é com a palavra de Deus que eu aprendo, me mostra o caminho do bem e não o do mal, penso em coisas boas.”

A relação com Deus e com o outro também é citada nos depoimentos, assim como também o reflexo da ação desses na alteração de humor das adolescentes: “de certa forma sim, porque sem Deus não somos nada, e esses grupos nos ajudam a entender mais sobre o que Deus faz ou já fez por nós e isso, sim me ajuda muito”; “através deles a gente aprende a viver melhor com as pessoas, entender elas”; “quando eles vêm às vezes eu tô com raiva e aí eu fico alegre”.

Considerações Finais

A ação dos grupos religiosos no lócus da pesquisa contribui para o bem-estar, trazendo sentimentos positivos como alegria, conforto, alívio, assim como uma aproximação com Deus, com a oração e com os preceitos religiosos. No entanto, referente à elaboração ou concepção de projetos de vida concluímos que as intervenções dos grupos não têm contribuído para tal propósito, pois sequer este assunto vem à tona, a não ser em manifestações pontuais das adolescentes como o anseio por mudança de vida após a liberdade.

Também percebemos uma forte lacuna sobre uma reflexão crítica das causas para que elas chegassem ao cometimento de atos infracionais. Há um foco no aspecto moral/

comportamental, sem que se toque nas discussões sobre direitos e justiça social. Seria fecunda a abertura de espaços para narrativas de vida, em que as adolescentes pudessem exercer a reflexão crítica sobre vários aspectos de sua trajetória de vida. Perguntas inquietantes precisam ser feitas: por que essas meninas entraram e entram para o mundo do crime? Por que matam? A explicação estaria nas histórias de amores mal vividos, ou na falta de amor? No abandono por parte dos responsáveis sociais – família e Estado? Na negligência? Na ausência de políticas públicas inclusivas, estruturantes? Na realidade da periferia, em que as privações existem desde sempre? Ou no vazio existencial, na busca ou não por sentido da vida? Outro aspecto a se somar é o desejo de consumo desenfreado, que faz com que a adolescente não meça as consequências para obter os objetos de desejo, ainda que seja por meios ilícitos. Tem ainda a necessidade de provar para as amigas que é capaz, sobressaindo em meio aos pares pelas roupas de marca e pela aparência de bem-sucedida. Na adolescência ninguém quer ser comum. Há uma grande necessidade de ser diferente, descolada, de ter “vida loka”, para utilizar a linguagem delas. Por que estas questões não são discutidas pelos grupos religiosos?

Religião não pode ser vinculada unicamente à emoção, dispensando-se a dimensão racional. Para o teólogo Libânio (2002, p.90)

a religião indica o caminho da razão, da experiência humana para ligar-se com o divino. Institui um sistema de ritos, práticas, doutrinas, constituições, organizações, tradições, mitos, artes que possibilitam essa re ligação com o mundo divino.

Já Leonardo Boff (2000, p.170) relaciona a consciência humana com a criação da religião e seu sentido de ligar e re-ligar:

A consciência Humana é capaz de captar essa realidade relacional que a todos liga e re-liga. Dessa percepção nasce a re-ligião, pois deriva de re-ligar. A re-ligião foi possivelmente a forma mais arcaica de consciência. Nossos ancestrais antropóides, de milhões de anos atrás, conseguiam ver o elo que tudo ligava e re-ligava. Chamaram-no com cem mil nomes. Depois o chamaram de simplesmente Deus.

Talvez as motivações proselitistas prevaleçam sobre a visão evangelizadora, cristalizando práticas que visam mais o convencimento e a captura de novos adeptos que a reflexão. Reconhecer que os atos infracionais são errados e que é necessário mudar de atitude diante da vida, de si mesmo e dos outros é um grande ganho, mas deve ser acompanhado do conhecimento das causas mais profundas que as levaram ao delito. É necessário pensar em novas atitudes fora da vida de infrações a partir de um lastro propositivo de políticas públicas para a juventude. A cultura de paz é indissociável da justiça social e da garantia de direitos e o discurso religioso não pode permanecer insensível aos dramas dos mais fracos e dos explorados, adiando as promessas de uma vida em abundância (material e espiritual) *ad infinitum*. As religiões existem em um mundo desigual e opressivo, não podendo, assim, abdicar de seu papel libertador para que todos tenham vida em abundância.

O proselitismo está presente na ação dos grupos religiosos que frequentam o CEABM, com forte apelo emocional. Algumas adolescentes se referem a termos comuns às denominações evangélicas como “aceitar Jesus”. Vejamos algumas falas: “tenho vontade de aceitar Jesus, mas não me sinto preparada, eles falam muito que não tem isso, que Deus vai preparando, mas agora não”. Também aparecem falas contestatórias; “pra gente aceitar Jesus, não precisa entrar numa religião, a gente aceita Jesus, fora delas”. Se “aceitar Jesus” for

aderir a essa ou àquela religião, há aqui um exclusivismo que, inclusive, fere o caráter laico da instituição.

As adolescentes estão em um ambiente de manifestação de diversas religiões, seja pela crença individual de cada uma, seja pela diversidade de grupos religiosos que atuam no local, o que pode contribuir para um menor índice de intolerância religiosa, mas, por outro lado, a depender da condução efetuada, pode ser fator de confusão ou indecisão.

Com base nas narrativas das adolescentes, observamos a riqueza das concepções sobre religião, algumas elaboradas com um sentimento plural. Cada uma a sua maneira afirmou o que é religião, ou associou esta à figura de Deus, como podemos constatar nas seguintes falas: “religião é ter fé em alguma coisa. Acreditar que aquela coisa possa melhorar a gente, possa mudar e tornar a gente uma pessoa melhor”; “eu não sei explicar direito, mas eu sei o que é... é um meio que a pessoa tem de se comunicar com Deus e cada um tem a sua religião” e “religião pra mim é aquela pessoa que procura Deus e vai atrás dessas coisas, porque tem muita gente que vai só por ir, na minha língua é se esconder detrás da moita”.

O respeito à religião de cada um também é expresso por frases como: “cada um tem a sua”; “cada um tem seu gosto”. Estas falas refletem a boa aceitação no que se refere à diversidade das religiões e ao respeito à escolha de cada um referente à sua crença. Vejamos outras falas: “religião é procurar Deus. Se todas falam de Deus, então ele é o único, só muda a religião, uma é de crentes, outra de católicos, mas todos eles falam de Deus” e “Religião pra mim é uma coisa muito especial, por que cada um tem sua religião, cada um tem seu gosto, cada um tem sua fé diferente, assim... a fé é a mesma, mas cada um tem seu modo de demonstrar, tem gente que louva a Deus, tem gente que faz outra coisa”.



Palavras como acreditar, comunicar, mudar, procurar, estão presentes nas narrativas das adolescentes. O sentido da religião para elas vem das suas realidades, refletindo anseio por mudança de vida, arrependimento, sentimento de presença, de que não estão sós nesse momento em que estão privadas de suas liberdades. Deus é representado como um pai amoroso que perdoa e acolhe.

Três adolescentes responderam não saber o que é religião, mas uma dessas fez questão de explicar o porquê: “Não sei, porque, eu não cresci fazendo isso aí, não”. Esta adolescente revela a ausência de práticas religiosas em sua família, e conseqüentemente, a falta de uma educação desta dimensão do ser. Quando questionada sobre a crença em Deus, esta disse que sabe que Deus está com ela e que percebeu que ele a protegeu o tempo todo, mesmo ela fazendo “coisas erradas”.

Em síntese, identificamos sinais de um despertar para uma nova vida interior, com renovação de pensamentos e de atitudes, porém indagamos sobre as condições para que tais intenções se consolidem. É necessário que as famílias destas garotas também tenham assistência espiritual e material. Elas precisam de oportunidades para um novo agir no mundo permeado de paz e de garantia de direitos.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *O que é religião*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de; DAMÁSIO, Bruno F.; SILVA, Joilson P.da. *Logoterapia e educação: fundamentos e prática*. São Paulo, 2010.

BOFF, Leonardo. *A voz do arco-íris*. Brasília: letraviva, 2000.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal nº 8.069 de 13/07/1990. Brasília: Senado Federal.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

